

Fontes para história da educação brasileira: considerações acerca dos catecismos protestantes

Sources for the history of Brazilian education: considerations about the protestant catechisms

ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO*

DINAMARA GARCIA FELDENS**

MIRIANNE SANTOS DE ALMEIDA***



RESUMO – Ancorado nos pressupostos da história cultural, o presente texto versa sobre um tipo de impresso protestante: o catecismo. Com vistas a analisar a materialidade e evidenciar os valores difundidos nos impressos, elegemos como objeto de análise os catecismos, a saber: *Breve catechismo* (1892), *O breve catechismo* (1927) e *Cartilha com estampas* (s.d.). O aporte teórico está pautado em Robert Darnton (1990), Roger Chartier (1998) e Carlo Ginzburg (1979), os quais discorrem acerca da circulação de impressos, das práticas de leitura e do conceito de circularidade cultural. Os catecismos protestantes foram utilizados como instrumentos pedagógicos pelos presbiterianos norte-americanos no Brasil dos oitocentos e funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos e valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter cristão.

Palavras-chave – catecismo protestante; história da educação; Brasil

ABSTRACT – Anchored on the assumptions of cultural history, the present paper analyzes a type of printed protestant: the catechism. In order to analyze the materiality and show values distributed in print, we choose as the object of analysis catechisms, namely: *Catechismo brief* (1892), *The brief catechism* (1927) and *Primer with prints* (S/D). The theoretical approach is guided by Robert Darnton (1990), Roger Chartier (1998) e Carlo Ginzburg (1979) which discourse about the circulation of printed reading practices and the concept of cultural circularity, the protestant catechisms were used as teaching tools by american presbyterians in Brazil in the nineteenth century and functioned as an instrument of prescriptive inculcation of habits and values that should be externalized through attitudes and behaviors, demonstrating christian character.

Keywords – protestant catechism; history of education; Brazil

Fundamentado no viés da história cultural, compreendemos os catecismos, sejam eles católicos ou protestantes, como objeto cultural, instrumento de ensino da fé, projetados para difundir a palavra sagrada. Uma fonte em potencial para a história da educação, o catecismo anuncia, mais do que crenças religiosas, práticas educativas que

moldaram o comportamento de grupos sociais num dado contexto. Nessa perspectiva, o presente texto versa sobre um tipo de impresso protestante: o catecismo, com vistas a analisar três títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos* – *Breve catechismo* (1892), *O breve catechismo* (1927) e *Cartilha com estampas* (s.d.).

*Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, Brasil) e Professora Titular da Universidade Tiradentes (Aracajú, SE, Brasil). E-mail: <ester.fraga@uol.com.br>

**Doutora em Educação Básica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo, RS, Brasil) e Professora Titular da Universidade Tiradentes (Aracajú, SE, Brasil). E-mail: <dfeldens@hotmail.com>

***Mestranda em Educação da Universidade Tiradentes (Aracajú, SE, Brasil). E-mail: <mirianne_almeida@hotmail.com>

Artigo recebido em julho de 2012 e aprovado em novembro de 2012.

As pesquisas empreendidas acerca da produção e circulação de impressos e seus usos pedagógicos vêm constituindo relevante área de investigação para o campo da história da educação, considerando os impressos como objetos culturais. Nesse sentido, algumas investigações têm sido realizadas com o intuito de desvelar práticas culturais que moldaram o comportamento de grupos sociais, via difusão de impressos. Entre os pesquisadores que investigam aspectos da produção, circulação e uso de impressos destacam-se os estudos de Márcia Abreu, Aníbal Bragança, Ana Maria de Oliveira Galvão, Luiz Carlos Villalta, Nelson Schapochnik, entre outros. Os proprietários de livros na América portuguesa setecentista e em meados dos oitocentos é foco dos estudos desenvolvidos por Márcia Abreu. Por meio de inventários de bibliotecas e da documentação censória, a autora tem investigado o caminho dos romances, o mercado editorial e a censura de livros. Aníbal Bragança tem percorrido, em suas pesquisas, o caminho da imprensa no Brasil, destacando seus precursores. As leituras populares e as modificações sofridas no perfil do público leitor dos cordéis é foco dos estudos desenvolvidos por Ana Maria de Oliveira Galvão. Luiz Carlos Villalta tem-se dedicado a investigar, principalmente a posse de livros em Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII. Já Nelson Schapochnik investiga os contextos de recepção do romance no Brasil oitocentista, por meio do estudo dos acervos de gabinetes de leitura e bibliotecas associativas. No que tange ao uso de impressos na História da Educação, ressaltamos o estudo Maria Helena Camara Bastos que aborda a circulação da *Revista do Ensino*¹ (RS), periódico de referência didática e pedagógica para professores.

Nesse prisma, os estudos desenvolvidos por pesquisadores da história do livro e da leitura despontam a pertinência de investigações acerca da cultura impressa como sendo a ponta de um *iceberg* para a apreensão de práticas culturais que circularam nas sociedades ocidentais, pelo menos, nos últimos quinhentos anos, quando os impressos imperaram como principal ferramenta de disseminação cultural. Todavia, a história da educação brasileira permanece carente de investigações que considerem os catecismos como objetos culturais, os quais conservam pistas de práticas educativas que moldaram a mentalidade e o comportamento de grupos sociais.

Destarte, a história do livro permite reconstruir um mundo à parte, “compreender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa influenciou o comportamento da humanidade” (DARNTON, 1990, p. 109). Há uma tendência crescente, nos estudos de história da leitura, visto que “a impossibilidade de captar as leituras *in*

loco e os leitores de ‘carne e osso’ [...]” têm encorajado pesquisadores “a buscar, nos próprios textos e na materialidade do impresso, marcas indicativas [...] do leitor pensado” (GALVÃO, 2001, p. 41).

Norteadas pela perspectiva da história do livro e da leitura, entendemos que é indispensável considerar os livros “pelas suas formas, pela sua encadernação, pelo seu valor como objeto [...], mas também pelo que são: objetos da arte da palavra” (VENANCIO, 2010, p. 489). Olhar o catecismo por dentro, buscando no texto as mensagens expressas, indícios das maneiras como eram transmitidas, considerando a materialidade dos títulos e aos conteúdos veiculados, reflete o entendimento acerca dos catecismos como instrumentos de difusão de saberes e práticas educacionais e religiosas. Assim como qualquer outro tipo de impresso, “eles corporificam o saber” (DARNTON, 2010, p. 16). Olhar o catecismo por fora, buscando características materiais, exige atenção quanto a título, autor, editor, quantidade de páginas, local de publicação, presença ou ausência de ilustração, características gerais da capa, disposição gráfica da primeira página, entre outros aspectos que poderão delinear a análise no decorrer da investigação.

Valemo-nos das orientações metodológicas elaboradas por Ginzburg no que concerne ao método indiciário como “um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (1989, p. 149). Seguindo a trilha investigativa, em busca de indícios, em alguns momentos percorrendo caminhos desconhecidos, compomos uma história atentas ao fato de que “toda história é uma construção, resultante de quem escreve, do seu tempo e espaço, marcado por instituições e grupos” (LUCA, 2005, p. 111).

FONTES PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: OS CATECISMOS PROTESTANTES

Elencar os impressos como fonte e objeto de pesquisa implica analisá-los na sua materialidade, como suporte material de práticas de leitura e de seus usos em espaços educativos, visto que “é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, e que não há compreensão de um escrito [...] que não dependa das formas através das quais ele chega ao leitor” (CHARTIER, 1998, p. 18). Assim, pesquisar os impressos “exige também examinar a qualidade dos textos, [...] descrevendo seus suportes e temas” (BATISTA; GALVÃO, 2005, p. 16). A articulação desses aspectos nos permite trazer à superfície do texto informações acerca da circulação e uso dos catecismos.

De origem grega, a palavra *katechismós* significa instrução. Segundo Nascimento (2006, p. 2-3), “o catecismo é uma publicação de instrução religiosa que adota

o modo particular de exposição de diálogo, através de perguntas e respostas, transmitindo de maneira acessível conhecimentos complexos a crianças ou a iniciantes”. Através da memorização, “ensina a doutrina, as regras e as normas das igrejas católicas e protestantes, inculcando hábitos, valores religiosos e morais, modelando comportamentos”. Nessa perspectiva, Bertinatti (2011, p. 1) investigou o “modelo de educação oferecido pelas escolas dominicais presbiterianas no período de 1909 a 1928” e, no tocante aos conteúdos ensinados nas referidas instituições, evidenciou o uso intenso do catecismo.

A partir da trilogia ler-escrever-contar, Jean Hébrard (1999, p. 43) retoma o século XVI para refletir as relações com a escrita, tomando como cenário “um mundo onde as igrejas estavam divididas, e os dogmas eram objeto de guerras sem piedade”, mostrando a necessidade de instrução religiosa e, conseqüentemente, o surgimento do catecismo, visto que “não bastava mais, para formar um cristão, batizá-lo no seu nascimento, na comunidade religiosa à qual pertencia. Era preciso ‘formá-lo’, quer dizer, instruí-lo nas verdades da sua religião”. Para tanto, era necessário

[...] fixar a “letra” da doutrina e fazê-lo memorizar exatamente, de maneira que os fiéis não considerassem verdadeiras as proposições heréticas ou sacrílegas. Para fixar a “ciência da salvação” em fórmulas que todos poderiam “confessar”, os grandes reformadores protestantes, e depois os bispos católicos, escreveram os catecismos. Esses manuais eram primeiramente guias para os que ensinavam, nos quais as orações e os principais elementos da doutrina eram apresentados sob a forma de perguntas e respostas alternadas. Esse ensino oral (escutar/memorizar/recitar) era uma primeira iniciação à cultura escrita, porque o pastor devia fazer decorar “letra por letra” um texto escrito, impresso, estável. Um século depois, o catecismo não era mais o “livro do mestre”, mas, um livro do aluno (HÉBRARD, 1999, p. 43-44).

Desse modo, para o referido autor, a universalização da escrita tem um fundo religioso. No que tange ao uso de textos religiosos, no Brasil e em Portugal, Algranti (2004) faz menção à memorização e ao reconhecimento dos textos por parte daqueles que não sabiam ler. Segundo a autora, era comum que algumas religiosas acompanhassem a leitura coletiva no coro ou, “dado o caráter repetitivo da leitura dos textos sagrados [...] podiam declamá-los por memorização – ‘reconhecendo’ o texto e não exatamente lendo-o [...]” (ALGRANTI, 2004, p. 55-56).

Nesse prisma, Nascimento (2007) afirma que, em decorrência da Reforma Protestante, a partir do século XVI, uma identidade ao mesmo tempo religiosa e cultural desenvolveu-se em torno dos mesmos livros

que sustentavam os diferentes exercícios religiosos: a leitura da Bíblia, a oração, o canto em comum, a escuta do sermão e a ceia. Por serem versificados, com perguntas e respostas breves e diretas, os catecismos alcançaram a popularidade no cenário brasileiro oitocentista e em meados do século XX. De acordo com Ester Nascimento (2006, p. 2),

[...] eles funcionaram como um importante veículo de difusão e inculcação dos preceitos religiosos definidos pelos seus líderes. A ânsia de encaminhar as crianças ao conhecimento da fé foi um grande estímulo para a expansão da literatura catequética. A função dos manuais era concentrar a instrução face a face. O catecismo também foi utilizado tanto como um método pedagógico, como um guia e encorajador cristão pelos reformadores protestantes, principalmente por luteranos, anglicanos e presbiterianos.

A imprensa teve significativa responsabilidade pela circulação de culturas, uma vez que possibilitou a socialização da palavra impressa, rompendo com a posse da cultura letrada somente daqueles mais abastados. Segundo Hébrard (1999, p. 44), “as reformas, primeiro a protestante e, algumas décadas mais tarde, a católica, desembocaram no primeiro projeto de alfabetização geral”, haja vista que saber ler ou, sobretudo, “reler um *corpus* limitado de textos, pronunciados muitas vezes nos rituais, parecia um bom meio de imprimir nas consciências das crianças uma marca tão mais indelével quanto mais precoce”.

Num Brasil marcado pela ação da propaganda evangélica protestante, a difusão de impressos protestantes propiciou a circulação de elementos educacionais e religiosos da cultura norte-americana. A propaganda evangélica foi primordial na construção de escolas, hospitais e igrejas protestantes em território brasileiro, uma vez que o projeto civilizador idealizado pelos missionários norte-americanos compreendia três eixos de ação: educação, saúde e religião (NASCIMENTO, 2007). Segundo Jorge Nascimento (2001, p. 74, 83), “as igrejas protestantes difundiram as pedagogias norte-americanas” num país que vivenciava um contexto social no qual “a escola era utilizada como instrumento de controle do conhecimento. Papel que era igualmente o da imprensa”. O que acontecia era uma *circularidade cultural*, um relacionamento circular pautado pela reciprocidade, movido de baixo para cima, bem como de cima para baixo (GINZBURG, 1987).

Os catecismos funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos e valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter cristão. Projetados para divulgar e fazer circular a palavra sagrada, com-

preendemos os catecismos como instrumentos pedagógicos utilizados para padronizar os modos de pensar, modelando as práticas do meio evangélico, via educação. Segundo Márcia Abreu (2003, p. 2009), “as leituras religiosas visam aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação”. Os usos do referido material religioso ultrapassou os limites teológicos, sendo também utilizado pedagogicamente como livros didáticos² de leitura. De acordo com Ester Nascimento (2007), em 1837, o missionário norte-americano Daniel Parish Kidder, primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Britânica do Brasil, em uma de suas viagens à Província de São Paulo, propôs à Assembleia Legislativa o uso da Bíblia nas escolas primárias provinciais e se comprometeu a doar 12 exemplares para cada escola, caso a proposta fosse aprovada, o que não ocorreu. O argumento utilizado por ele, ao ofertar a Bíblia, era que se tratava de um livro recomendável aos diretores, professores e alunos como livro de instrução e enfatizava sua importância pedagógica como fonte de sabedoria. Já Cooley Fletcher, secretário da legação norte-americana no Rio de Janeiro durante as décadas de 1850 e 1860, tornando-se, em 1853, agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, foi porta-voz do governo brasileiro em seu país atraindo capitais a serem aqui investidos.

O historiador Jorge Nascimento (2001, p. 8), afirma que era “recorrente encontrar em documentos do século XIX queixas como as formuladas pelos missionários norte-americanos Kidder e Fletcher em 1850, quanto à ausência de livros didáticos produzidos em território brasileiro” ou, ao menos, adequados às condições locais. Posteriormente, editaram livros e folhetos, despachando-os pelos colportores³ para as igrejas, bibliotecas, colégios evangélicos, congregações e fazendas, visto que para eles a carência de livros escolares era um fator relevante que impedia o progresso da educação brasileira. Diante de tal escassez, muito mais do que manuais religiosos, os catecismos assumiram o papel de livros didáticos em escolas protestantes e confessionais, sintetizando, de maneira clara e objetiva, os conhecimentos pertinentes às atividades escolares.

Na *Coleção Folhetos Evangélicos*, salvaguardada pelo Reverendo Vicente Themudo Lessa em sua biblioteca particular, figuram 644 títulos publicados entre 1860 e 1938; entre eles foram localizados 12 catecismos. Atualmente, o referido conjunto de impressos integra o acervo do Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, situado na Primeira Igreja Presbiteriana Independente, na cidade de São Paulo. Dentre os impressos catalogados, elencamos três catecismos – *Breve catechismo*, *O breve catechismo* e *Cartilha com estampas* – publicados em 1892 e 1927. Ressaltamos que o terceiro catecismo não contém informação acerca

do ano de publicação. O presente texto é dedicado à análise dos três títulos mencionados; todavia, encontram-se na *Coleção Folhetos Evangélicos*, além desses, outros catecismos, a saber: *Catecismo da expiação*,⁴ *Catecismo bíblico para as classes infantis*,⁵ *Catechismo da Nova Jerusalém ou Nova Igreja Christã*,⁶ *Um novo catechismo*,⁷ *Catecismo anti-sabbatico*,⁸ *Catecismo de doutrina christã para a instrução dos meninos*,⁹ *Porções escolhidas da palavra de Deus*,¹⁰ *Cem textos das Escripturas Sagradas*,¹¹ *Vinte e um ensaios sobre as Escripturas Sagradas*.¹²

Entre os 47 volumes que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*, encontramos no 28º volume o *Breve catechismo*, de autoria de Belmiro de Araújo, publicado em 1892 pela Typographia e Lithographia d’O Pelicano, na Província da Paraíba. Ministro do Evangelho. O autor do referido título iniciou a obra com uma introdução prestando esclarecimentos ao leitor, na qual afirma ter o objetivo de facilitar a compreensão da religião protestante para leigos interessados.



Figura 1 – Capa do *Breve catechismo* (1892).

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

O referido catecismo contém 28 páginas e 107 perguntas e respostas. O parágrafo introdutório, seguido de três perguntas, anuncia a divisão deste catecismo em duas partes, acrescidas de observações ao longo do texto. A doutrina agrupa-se em duas partes, seguindo o método de perguntas e respostas simples, claras e concisas. Inicialmente, desenvolve-se numa abordagem

teológica com ensinamentos acerca da Palavra Sagrada, nesta primeira parte são apresentadas cinco perguntas e repostas acerca de Deus e a criação do mundo e das três pessoas da divindade (Pai, Filho e Espírito Santo).

O caráter didático e pedagógico do texto segue fincado às perguntas e respostas, seguidas de pequenos trechos com observações do autor, dedicadas por inteiro ao resumo da temática abordada. A perspectiva que se desenvolve é histórica, orientada pela principal fonte – a Bíblia –, com o objetivo declarado de explicitar claramente e, de forma convincente, “que devemos crê [sic] em Deus” (ARAÚJO, 1982, p. 1). Nesta primeira parte, os temas explorados são relativos a Deus e à criação do homem e do mundo. É notória a preocupação em explicar com clareza as pessoas da divindade:

P. Quem é Deus?

R. Deus é um Espírito infinito, eterno, imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade. P. Há mais de um Deus?

R. Há um só Deus, o Deus vivo e verdadeiro.

P. Quantas pessoas há na Divindade?

R. Há três pessoas na Divindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo e estes três são um Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória (ARAÚJO, 1982, p. 4-5).

Na segunda parte, composta por seis lições distribuídas em 96 perguntas e respostas, o texto segue uma divisão temática, com o objetivo de explorar diferentes condições do homem perante Deus, desde a sua criação até a sua glorificação no céu. Segundo Orlando e Dantas (2008, p. 9), o principal objetivo do catecismo é “ensinar os preceitos da Igreja como verdades absolutas e, para um aprendizado mais efetivo, é preciso que esses ensinamentos sejam enraizados nos indivíduos sem dar margem a maiores questionamentos”. Destarte, o tema mais explorado é relativo aos dez mandamentos, com 62 perguntas e repostas. Além desse, são abordados: criação, pecado, salvação, morte e ressurreição. Nesta parte, as seis lições expressam estados vivenciados pelo homem.

1º Estado

P. 10. Como criou Deus o homem?

R. Deus criou o homem macho e fêmea, conforme a sua própria imagem, em conhecimento e santidade, com domínio sobre todas as criaturas.

2º Estado

P. 12. Que ato especial de providência exerceu Deus para com o homem no estado em que ele foi criado?

R. Quando Deus criou o homem fez com ele um pacto de vida com a condição de perfeita obediência: proibindo-lhe de comer da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de morte.

3º Estado

P. 13. Conservaram-se nossos primeiros pais no estado em que foram criados?

R. Não. Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade de sua própria vontade, caíram do estado em que foram criados, pecando contra Deus (ARAÚJO, 1982, p. 6-7).

O texto dá relevo à criação do homem, à obediência e ao pecado. A divisão do texto em seis estados, cada um com apenas uma pergunta e resposta, expressa o desejo de clarificar e afastar falsas interpretações acerca dos dez mandamentos e da salvação. O terceiro e quarto estados são compostos por 56 e 44 perguntas e respostas, respectivamente.

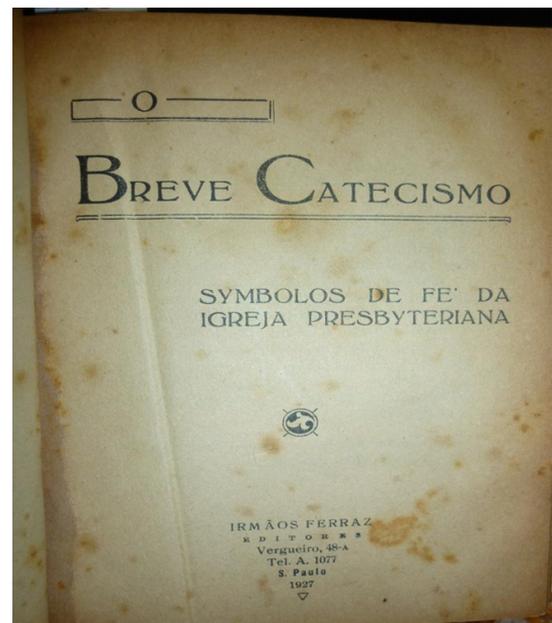


Figura 2– *O breve catecismo* (capa).

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Publicado em 1927, pelo Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz, no Estado de São Paulo, *O breve catecismo – symbolos da fé da Igreja Presbyteriana*, é composto por 107 perguntas e respostas, distribuídas em 32 páginas.

A designação *symbolo*, provavelmente, define o referido catecismo como emblema característico da igreja, no qual se conjugava a oralidade com a escrita. O texto é precedido do Credo, com nota de rodapé dedicada a explicar o significado de palavras que poderiam ser desconhecidas do público-alvo, provavelmente, para levar o jovem, não apenas a aprender e recitar o credo diariamente, mas também para levá-lo a compreender o sentido das palavras proferidas.

O catecismo é dirigido aos adeptos do Protestantismo e assume o diálogo com clareza, utilizando frases curtas e termos simples, como método mais adequado para incutir nos crentes os preceitos religiosos protestantes. Para Bertinatti (2011, p. 37), o “Breve Catecismo”, [...] consistia em um excelente resumo de Teologia, cujo preparo cuidadoso foi levado a efeito por 121 distintíssimos ministros e teólogos de Inglaterra e Escócia, nos anos de 1643 a 1648 em Londres, para uso dos crentes”. Em termos de comparação com o *Breve catechismo* (1892), citado anteriormente, são encontradas pequenas diferenças quanto à organização das perguntas, apresentação do Credo e ano de publicação. Apesar da diferença em relação ao período de publicação, encontramos as mesmas perguntas e a mesma grafia, com exceção do título.

Segundo Ester Nascimento (2006, p. 2), “o sucesso do *Catecismo breve* de Lutero, de 1529, deveu-se em parte, à possibilidade de acesso direto a ele por parte dos leitores leigos, sendo considerado a Bíblia do homem comum”. O catecismo mais antigo – *Breve catechismo* (1892) – apresenta observações do autor, prioriza a divisão temática e não segue a ordem numérica das perguntas. O catecismo de publicação mais recente – *O breve catecismo* (1927) –, que não dispõe de informações acerca da autoria, segue a ordem crescente do número de perguntas e apresenta as referências bíblicas de cada resposta.

Voltado à formação sólida dos adeptos ao Protestantismo, os catecismos foram projetados para facilitar a memorização e o aprendizado dos princípios religiosos e, muitos deles, elaborados de acordo com a faixa etária do público-alvo. A formação religiosa deveria começar o mais cedo possível. Para atrair a atenção e despertar o interesse das crianças, foram produzidos catecismos com textos breves e ilustrações, como é o caso da *Cartilha com estampas* – produzido pela Sociedade de Tractados Americana, situada na Rua de Nassau, nº 150, em Nova York –, que apresenta o alfabeto completo acompanhado de ilustrações, estas associadas a objetos ou personagens bíblicos, elaborado, provavelmente, para facilitar a assimilação dos conteúdos ensinados.

De acordo com Marcia Abreu (2003, p. 270), através da narração de vidas de personagens bíblicos é possível “conhecer a trajetória de homens e mulheres que cumprem os mandamentos, que temem a Deus. É a partir da imitação do comportamento dessas pessoas que se pode atingir o ideal cristão”. A preocupação pela instrução perpassa toda a obra. Além do alfabeto ilustrado, diferenciando letras maiúsculas e minúsculas, vogais e consoantes, a referida cartilha é composta de orações, mandamentos, pequenos textos bíblicos e exercícios voltados à interpretação de princípios religiosos protestantes. Os indícios encontrados nas 84 páginas que compõem a *Cartilha com estampas*,

aos poucos permitem o delineamento de parâmetros elencados para a instrução religiosa. As ilustrações e frases curtas que acompanham todas as letras do alfabeto, diferenciando vogais e consoantes, maiúsculas e minúsculas sugerem, inicialmente, o ensino da leitura de forma gradual.



Figura 3 – *Cartilha com estampas* (contracapa).

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

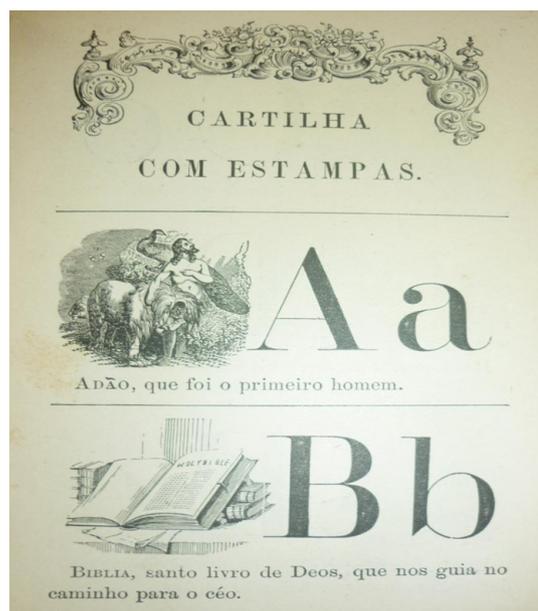


Figura 4 – *Cartilha com estampas* (p. 1).

Fonte: *Coleção Folhetos Evangélicos*. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2010.

Seguindo o traçado do ensino da leitura, são apresentadas sílabas simples, seguidas de exercícios voltados à soletração de palavras com duas sílabas, apresentadas junto à ilustração, para facilitar a assimilação. O desafio seguinte é o aprendizado das sílabas complexas, apresentadas separadamente e, em seguida, com exercícios para soletração de palavras maiores, com mais de duas sílabas. O sujeito se constrói protestante por meio da leitura; por esse motivo, provavelmente, se justifique a ênfase no ensino da leitura.

No que tange o conteúdo da *Cartilha com estampas*, além do conhecimento das primeiras letras, figuram os sinais de pontuação, os numerais, a tabuada de multiplicação, os meses do ano e os dias da semana; sucedidos dos dez mandamentos, orações, hinos e salmos. A cartilha analisada não está organizada apenas com perguntas e respostas; concentra a atenção, sistematicamente, nos ensinamentos da palavra sagrada em conformidade com o nível etário de um público infantil. Segundo Orlando (2008, p. 7), “o formato perguntas-respostas permaneceu como texto padrão até o início do século XX”. A autora afirma que outros aparatos metodológicos foram adotados, a exemplo dos questionários que “passaram a fazer uso de perguntas abertas e exercícios investigativos, que estimulassem o trabalho, conforme os cânones da Pedagogia Moderna”.

A *Cartilha com estampas* foi projetada para um público iniciante, tanto na cultura letrada como no conhecimento dos princípios religiosos. A presença de 52 ilustrações ao longo da obra, fazendo referência às letras, palavras e textos apresentados, bem como o vocabulário simples e claro, refletem a preocupação em facilitar a assimilação do conteúdo ensinado. A insistência na memorização e na aprendizagem dos valores cristãos é facilmente identificada ao longo da cartilha não só na apresentação de orações e mandamentos, mas também, no texto abaixo, que não resistimos em transcrever:

Eis aqui um cordeiro. Não tem garras nem dentes com que defender-se; mas está seguro quando fica perto do bom pastor. Os pequenos que confiam em Jesus são como cordeiros do seu rebanho. Ele os guarda bem (S.A., s.d., p. 25).

Além de ser composto por frases curtas e palavras de fácil entendimento, a própria organização do texto, exibido junto à ilustração de um cordeiro, desperta a atenção e facilita a assimilação. As pistas de um ensino gradual visando à instrução religiosa são perceptíveis à medida que o animal inofensivo é apresentado e, posteriormente, comparado ao pequeno aprendiz, ambos protegidos pelo Senhor quando seguem Seu caminho e Nele confiam.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

Discorrer acerca da circulação da palavra impressa num país com um alto índice de analfabetos, como era o Brasil oitocentista e, além disso, discutir a circulação de ideais protestantes num território predominantemente católico é trazer à tona um projeto, uma missão organizada para conquistar um espaço religioso que utilizou a circulação de impressos e, por conseguinte, o ensino da leitura como “um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais” (HÉBRARD, 1996, p. 35). Para Ester Nascimento (2002), a cultura protestante é uma cultura da palavra sagrada onde a leitura e a fé estão relacionadas e, por meio dos impressos, imbuída de ideários a serem difundidos em meio à população. Os catecismos funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos e valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter cristão.

Garimpando as fontes e lapidando os achados, seguimos o traçado de uma história eternizada nas páginas amareladas dos catecismos analisados. Neles encontramos indícios de saberes e práticas educacionais e religiosas postas em circulação no Brasil dos oitocentos e em meados do século XX. Sem pretensão de esgotar o assunto, esperamos que o presente texto contribua para a história da educação, enquanto campo de estudos e pesquisas, no sentido de estimular reflexões acerca da produção, circulação e usos de impressos, para que outras pesquisas sejam empreendidas, uma vez que muito se tem a investigar.

FONTES

- ARAÚJO, Belmiro de. **Breve catecismo**. Paraíba: Typographia e Lithographia d'O Pelicano, 1892.
- S.A. **O breve catecismo**: symbolos da fé da Igreja Presbyteriana. São Paulo: Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz, 1927.
- S.A. **Cartilha com estampas**. Nova York: Sociedade de Tractados Americana, s.d.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Fapesp, 2003.
- ALGRANTI, Leila M. **Livros de devoção, atos de censura**: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821). São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2004.
- BATISTA, Antônio A. G.; GALVÃO, Ana M. de O. Práticas de leitura, impressos, letamentos: uma introdução. In: _____. (Org.). **Leitura**: práticas, impressos, letamentos. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-46.
- BASTOS, Maria Helena C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1929-1942)**: o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.

BERTINATTI, Nicole. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2011.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2. ed. Brasília: UNB, 1998.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALVÃO, Ana M. de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996. p. 35-74.

_____. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/ALB; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 33-78.

LAJOLO, Marisa. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, Brasília, n. 69, p. 1-7, 1996. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

NASCIMENTO, Ester F. V.-B. C. do. Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX. **Revista do Mestrado em Educação**, São Cristóvão, UFS/NPGE, v. 4, p. 67-85, 2002.

_____. A pedagogia dos catecismos protestantes no Brasil católico. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., A educação e seus sujeitos na história. **Anais...** Goiânia: UCG, 2006. p. 1-10.

_____. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.

NASCIMENTO, Jorge C. do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Horizontes**, Bragança Paulista, Universidade São Francisco, v. 19, p. 11-27, jan./dez. 2001.

ORLANDO, Evelyn de A. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

ORLANDO, Evelyn de A.; DANTAS, Maria J. Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, São Cristóvão, SE. **Anais...** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008. p. 1-16.

LUCA, Tania R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

VENANCIO, Giselle M.. Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815-1900). BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 489-502.

NOTAS

¹ Para maiores informações acerca da Revista do Ensino, consultar Bastos (2005).

² O termo didático, aqui empregado, refere-se ao “livro que vai ser utilizado em aulas ou cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista sua utilização escolar e sistemática [...] por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor” (LAJOLO, 1996, p. 4).

³ Segundo Ester Nascimento (2007), o vendedor ambulante de impressos carregava sempre consigo uma sacola ou cesta comprida, aberta e sua frente, pendurada no pescoço, com almanaques, livros e folhetos. Por causa dessa sacola portátil ao pescoço, foi que os franceses denominaram-no de *colporteur*.

⁴ VAUGHAN, Kenelm. *Catecismo da expiação*. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo, 1882. 42 p.

⁵ SCHIEFFELIN, Samuel B. *Catecismo bíblico para as classes infantis*. Maranhão: Typographia de J. de A. Almeida & Cia, 1895. 75 p.

⁶ S.A. *Catecismo da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Christã*. Rio de Janeiro: Pap. Sul-Americana, 1906.

⁷ S.A. *Um novo catecismo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, s.d. 16 p.

⁸ HIRTH, Benedicto. *Catecismo anti-sabbatico*. São Paulo: Estabelecimento Graphico “Cruzeiro do Sul”, s.d. 39 p.

⁹ S.A. *Catecismo de doutrina christã para a instrução dos meninos*. Rio de Janeiro: Typographia do Puritano, 1924. 35 p.

¹⁰ S.A. *Porções escolhidas da palavra de Deus*. Los Angeles: Casa Biblica de Los Angeles, s.d. 64 p.

¹¹ S.A. *Cem textos das Escripturas Sagradas*. Lisboa: Typographia de Adolpho Modesto & Cia, s.d. 16 p.

¹² S.A. *Vinte e um ensaios sobre as Escripturas Sagradas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1903. 92 p.